

AVALIAÇÃO RETROSPECTIVA DE SINAIS CLÍNICOS ASSOCIADOS ESPOROTRICOSE FELINA EM PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL,

PATRICIA MAIARA RIBEIRO DA SILVA¹; BIANCA CONRAD BOHM²;
SERGIANE BAES PEREIRA³;ANGELITA REIS GOMES⁴;RENATA
OSÓRIO DE FARIA⁵; FABIO RAPHAEL PASCOTI BRUHN⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – patriciamaiarar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – biankabohm@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – sergiane@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – angelitagomes@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – renataosoriovet@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - fabio_rpb@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose de caráter zoonótico causada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix* que habitam solos e plantas (CRUZ, 2013). A doença clínica em animais é resultado da transmissão pelo animal, através de arranhaduras e mordeduras, e através de lesões causadas por superfícies contaminadas. Acomete principalmente felinos domésticos, com sinais clínicos relacionados principalmente ao aparecimento de lesões nodulares, úlceras e crostas na pele (CRUZ, 2013).

A alta densidade populacional de felinos em áreas urbanas parece ser um importante fator na disseminação da doença, sendo o diagnóstico adequado de grande importância para o controle da enfermidade (RODRIGUES, et al., 2016). Neste contexto epidemiológico, o município de Pelotas, situado na região sul do Rio Grande do Sul, é considerado uma área com grandes números de casos para esporotricose animal.

Visto a vasta gama de sinais clínicos que podem acometer os felinos, e a importância do reconhecimento e diagnóstico precoces para a interrupção do ciclo de transmissão, o objetivo deste trabalho é avaliar os sinais clínicos de casos de esporotricose felina no município de Pelotas – Rio Grande do Sul, Brasil, durante o período de janeiro de 2016 a dezembro de 2018.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo retrospectivo no qual foram incluídos 96 casos confirmados de esporotricose felina, no Município de Pelotas – RS, diagnosticados no laboratório de micologia veterinária da universidade federal de Pelotas (MICVet/UFPel), a partir de cultivo micológico, durante o período de janeiro de 2016 a dezembro de 2018.

A partir dos protocolos dos exames micológicos, foram obtidas informações sobre os sinais clínicos relatados pelo médico veterinário requisitante, assim como o número de sinais clínicos relatados e o tempo de evolução desses sinais clínicos. O tempo de evolução dos sinais clínicos foi classificado em: período de evolução até três meses e período de evolução superior a três meses.

Os dados obtidos foram avaliados através de análise estatística descritiva realizadas por meio do software estatístico SPSS 20.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

os sinais clínicos mais frequentes foram a presença de lesões ulcerativas (79,0%), seguidas pela presença de lesões exsudativas (53,9%) e nódulos (29,6%) (tabela 1). Com relação a esses sinais, é necessário que o médico clínico veterinário esteja atento a eles, principalmente em relação a presença de lesões ulcerativas, sinal comum em animais acometidos por esporotricose (MACÊDO SALES et al., 2018). Entretanto, também é destacado na literatura que a lesão inicial da enfermidade é caracterizada por nódulo que evolui progressivamente para úlceras e crostas na pele, o que pode demonstrar que a maior parte dos animais avaliados neste estudo já se encontravam em fase de progressão da enfermidade (MACÊDO SALES et al., 2018).

Tabela 1 –Sinais clínicos observados nos casos de esporotricose felina, do município de Pelotas – RS, diagnosticados no MICVet/UFPel, 2016 – 2018.

Sinal clínico	N	%
Lesão ulcerativa	76	79,2
Lesão exsudativa	41	42,7
Nódulo	23	24,0

Alopecia	22	22,9
Prurido	15	15,6
Lesão crostosa	6	6,3
Sinais respiratórios	5	5,2
Aumento de volume	1	1,0 facial
Outros	3	3,1

Com relação ao número de sinais clínicos apresentados pelo animal, em 41,7% (40/96) das requisições constavam informações sobre a ocorrência de dois sinais clínicos, em 31,3% (30/96) informações sobre ocorrência de um sinal clínico e em 27,1% (26/96) informações sobre a ocorrência de três ou mais sinais clínicos. De acordo com BOECHAT et al. (2018) os animais acometidos que recebem diagnóstico precoce tendem a apresentar, em sua maioria, a forma localizada da doença, com a presença de menos sinais clínicos, sugerindo um maior comprometimento dos proprietários em relação a saúde do animal. Por outro lado, a predominância da forma disseminada pode estar associada aos hábitos de vida dos felinos e a brigas por territórios e/ ou fêmeas, principalmente em animais não castrados, o que aumenta a chance de transmissão fúngica por arranhões e mordidas (CRUZ, 2013)

Além da disseminação das lesões cutâneas, o comprometimento da via respiratória, que neste estudo foi predominantemente relacionado à dificuldade respiratória, está associado com a gravidade e extensão das lesões, cursando com a piora da condição clínica do paciente acometido, o que está diretamente relacionado com o tempo de evolução da doença (BOECHAT et al., 2018)

Com relação ao tempo de evolução dos sinais clínicos, informação presente em 84 dos exames avaliados, em 60,7% (51/84) dos casos constava informação de evolução dos sinais clínico de até três meses e em 39,3 (33/84) acerca de evolução superior a três meses. O diagnóstico tardio e, principalmente o tratamento tardio favorecem a progressão da esporotricose, o que consequentemente piora o prognostico do animal acometido. Esse atraso no diagnóstico e tratamento pode estar associado a uma falta de conhecimento da doença pelo médico veterinário (ALMEIDA, 2015). Desta forma, o pleno reconhecimento dos sinais clínicos por parte do médico clínico veterinário é de fundamental importância para o diagnóstico precoce da enfermidade, resultando

assim em controle mais adequado da mesma e menor comprometimento clínico do paciente.

4. CONCLUSÕES

A esporotricose felina em Pelotas tem apresentado como principais sinais clínicos as lesões ulcerativas e exsudativas, que na maior parte das vezes acometem os felinos com aparecimento de mais de dois sinais clínicos concomitantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, L. C. H. Complexo *Sporothrix schenckii*. Revisão de parte da literatura e considerações sobre diagnóstico e epidemiologia. **Veterinária e Zootecnia**, v. 20, p. 8-28, 2013.

RODRIGUES, A. M.; HOOG, G. S.; CAMARGO, Z.; P. *Sporothrix Species Causing Outbreaks in Animals and Humans Driven by Animal–Animal Transmission*. **Plos Pathogens**, v. 12, n. 7, p.1-7, 2016.

MACÊDO-SALES, Pâmella A. et al. Domestic feline contribution in the transmission of *Sporothrix* in Rio de Janeiro State, Brazil: a comparison between infected and non-infected populations. **BMC veterinary research**, v. 14, n. 1, p. 19, 2018.

ALMEIDA, Lívia Gomes Ferreira de; ALMEIDA, Vivian Gomes Ferreira de. Uma revisão interdisciplinar da esporotricose. **Revista Eletrônica Estácio Saúde**, v. 4, n. 2, p. 180-192, 2015.

BOECHAT, Jéssica Sepulveda et al. Feline sporotrichosis: associations between clinical-epidemiological profiles and phenotypic-genotypic characteristics of the etiological agents in the Rio de Janeiro epizootic area. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 113, n. 3, p. 185-196, 2018.